

## Operações teórico-metodológicas em História Digital da Psicologia

### Theoretical-methodological operations in Digital History of Psychology

**Roberta Garcia Alves<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-8734-2967>

Universidade Católica Dom Bosco

Universidade Federal do Acre

**José Felipe Vitor Machado**

<https://orcid.org/0009-0003-5173-9550>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Rodrigo Lopes Miranda**

<https://orcid.org/0000-0003-3222-7368>

Universidade Católica Dom Bosco

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

**Ana Maria Jacó-Vilela**

<https://orcid.org/0000-0002-0728-8700>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Brasil

#### Resumo

Este trabalho explora as operações teórico-metodológicas na História Digital da Psicologia, enfatizando o impacto das ferramentas digitais na análise de fontes. Para isso, sistematiza itinerários metodológicos que vão desde a distinção crucial entre fontes digitalizadas e fontes nativas digitais até a aplicação de softwares específicos. Como resultado, demonstra-se que o uso de softwares como o Iramuteq e o MaxQDA potencializa a análise de conteúdo em grandes volumes de texto, enquanto ferramentas como o Gephi e o Biblioshiny permitem mapear redes de colaboração e a circulação de ideias, como a influência do behaviorismo na América Latina. O artigo conclui que a combinação de métodos tradicionais e digitais numa abordagem híbrida não só enriquece a pesquisa historiográfica em Psicologia, mas também promove um acesso mais democrático às fontes e possibilita novas formas de investigação com resultados mais abrangentes.

**Palavras-chave:** História Digital da Psicologia; História Digital; Humanidades Digitais; Fontes históricas digitalizadas; Softwares de análise qualitativa.

#### Abstract

---

<sup>1</sup> A primeira autora é bolsista de doutorado CAPES Consolidação. O segundo autor é bolsista de doutorado CNPq (PIBPG). O terceiro autor é bolsista de produtividade 2 do CNPq. A quarta autora é bolsista de produtividade 1D do CNPq, da FAPERJ e UERJ.



This paper explores the theoretical and methodological operations involved in Digital History of Psychology research, emphasizing the impact of digital tools on the analysis and preservation of historical sources. It systematizes and debates the necessary methodological itineraries, presenting recent examples that illustrate the application of these digital tools in research within the field. Furthermore, it discusses digital techniques and software use, highlighting the analytical possibilities offered by these resources. Finally, it advocates for the combination of traditional and digital methods as a hybrid approach, essential for enriching historiographic research in Psychology, promoting democratic access to sources, and enabling new forms of investigation.

**Keywords:** Digital History of Psychology; Digital History; Digital Humanities; Digitized historical sources; Qualitative analysis software.

A digitalização como fenômeno social e tecnológico de rápida disseminação de informações e facilitação de armazenamento de grandes volumes de dados por meio de dispositivos computacionais tem atravessado as convenções cotidianas da pesquisa historiográfica (Barros, 2022; Hangen, 2015). A clássica rotina de visita a acervos que preservam *grey literature* – i.e., documentação original do passado e de acesso restrito (Kearns & Faye, 2014) - tem experimentado mudanças. Contemporaneamente, o pesquisador pode consultar documentos digitais ou digitalizados sem comparecer presencialmente a algum acervo, além de dispor de softwares que facilitem a leitura e interpretação do conteúdo destes documentos. (Crompton, et. al, 2020; Fickers, 2013; Noiret, 2015). Nesse sentido, sujeitos cognoscentes (pesquisador-historiador) e objetos cognoscíveis (a atividade humana no passado) têm sido atravessados pela experiência humana digital (Seefeldt & Thomas, 2009; Prado, 2021).

A experiência humana digital está intrinsecamente ligada ao surgimento da Sociedade Digital a partir da década de 1990, a qual representa um marco significativo na transformação das interações humanas com a tecnologia, impulsionada pela crescente acessibilidade às tecnologias digitais (Barros, 2022). O avanço no desenvolvimento de computadores e a consequente capacidade de processar grandes volumes de dados textuais inauguraram novas formas de interações humanas e, conseqüentemente, novas formas de pesquisar sobre elas. No que tange às relações humanas, temos discutido, por exemplo, aspectos éticos e da constituição da subjetividade a partir da sociabilidade mediada por dispositivos digitais (Bezerra & Araújo, 2011; Witczak & Czekster, 2019). No que se refere às pesquisas e, mais especificamente para as investigações em Ciências Humanas, tem se consolidado o campo das Humanidades Digitais, que expandiu as possibilidades de pesquisa, permitindo abordagens como a análise de redes e a visualização de dados históricos (Cohen & Rosenzweig, 2006). Do ponto de vista historiográfico, vemos, ainda, discussões sobre a composição e o acesso a acervos digitais, reflexões sobre a figura do arquivo e aspectos éticos e legais sobre a propriedade e acesso aos documentos (Darton, 2010).

A consolidação das Humanidades Digitais como disciplina ocorreu em 2010, durante o encontro The Humanities and Technology Camp (THATCamp, 2011), em Paris, que resultou no Manifesto das Humanidades Digitais, um documento publicado no ano seguinte, direcionado a pesquisadores e agentes envolvidos na criação e preservação do conhecimento. Esse manifesto foi crucial para estabelecer as Humanidades Digitais como uma transdisciplina, ao incorporar métodos e abordagens digitais nos campos das humanidades e ciências sociais, tornando-se uma referência ao destacar o papel transformador do digital na produção e disseminação do saber, indo além de seu uso como simples ferramenta técnica. Nota-se aqui uma passagem do “digital” como adjetivo de métodos e abordagens de pesquisa para substantivo, como forma de categorizar novo um campo transdisciplinar. Essa transdisciplinaridade também influenciou outras áreas de conhecimento, como a História Digital e a História Digital da Psicologia.

A História Digital refere-se ao campo de pesquisa em que o nível do sujeito cognoscente e dos objetos cognoscíveis são digitais, quer sejam digitais ou digitalizados. O campo se estabelece, no primeiro nível, como uma arena mais aberta e dinâmica para a produção e comunicação do saber histórico, incluindo o desenvolvimento de materiais didáticos e projetos de pesquisa. No segundo nível, a História Digital é entendida como um método que emprega o poder das ferramentas digitais, especialmente sua capacidade hipertextual, para estabelecer, consultar e anotar novas conexões e interpretações sobre as fontes do passado (Seefeldt & Thomas, 2009). Essa prática abrange, dentre outros, desde a digitalização de documentos históricos até a análise computacional de grandes conjuntos de dados históricos, perpassando pela criação de plataformas interativas online que permitem ao público em geral explorar aspectos da história, a digitalização de acervos outrora exclusivamente físicos e a análise de fontes nato-digitais.

Apesar da estreita relação com o ambiente digital, a História Digital e as Humanidades Digitais apresentam distinções significativas, especialmente em dois aspectos centrais: o modo como utilizam a web e se relacionam com seus públicos, e as ferramentas computacionais que privilegiam (Robertson, 2016). Enquanto as Humanidades Digitais fazem uso da web predominantemente como meio de produção e disseminação de conteúdos voltados a outros pesquisadores acadêmicos, a História Digital distingue-se por uma ênfase maior na utilização da web como instrumento de comunicação com públicos extra-acadêmicos, como professores, estudantes e o público geral. Essa diferença também se reflete na escolha e intensidade de uso de determinadas ferramentas digitais: as Humanidades Digitais, até recentemente, concentravam-se sobretudo em métodos de análise textual, ao passo que a História Digital tem priorizado o mapeamento digital como sua principal ferramenta computacional.

Similarmente, a História Digital da Psicologia tem se utilizado de ferramentas digitais para coletar, analisar e apresentar dados históricos (Burman, 2018; Cudina et. al, 2017; Green, 2016; Polanco et. al, 2017; Pettit, 2016). Tais autores têm argumentado que a principal vantagem do campo da História Digital da Psicologia reside na capacidade de analisar grandes conjuntos de dados, permitindo uma compreensão mais abrangente de tendências e padrões da Psicologia e dos campos disciplinares que a compõem ao longo do tempo. Isso pode incluir desde a digitalização de documentos e a análise de fontes digitais até o uso de softwares de análise de texto e visualizações de dados. Pesquisas nesse escopo também podem contribuir para a preservação digital de materiais históricos e promoção do acesso aberto a essas fontes, facilitando o trabalho de pesquisadores e fomentando o interesse do público sobre o passado da Psicologia. Além disso, a História Digital da Psicologia também tem se ocupado de compreender as redes de cooperação entre autores ou instituições por meio de maneira complementar à Cientometria e a Sociobibliometria. Além de tais vantagens e usos da História Digital da Psicologia, há também uma mudança na operação historiográfica, isto é, da maneira com a qual nos acercamos dos nossos objetos de pesquisa e de como os analisamos. Diante do exposto, o presente artigo tem o objetivo de sistematizar e debater itinerários metodológicos da pesquisa realizada sob a égide da História Digital da Psicologia, quais sejam: (a) definição do objeto de pesquisa; (b) seleção e organização de fontes; e (c) análise. Nossa sistematização pressupõe que os pesquisadores da História Digital da Psicologia atuam de forma híbrida, trabalhando por meio de um processo que combina métodos tradicionais de pesquisa histórica com critérios específicos para a análise de fontes digitais ou o uso de recursos digitais para manejo de tais fontes. Este processo multidimensional reforça a necessidade de combinarem-se habilidades de pesquisa histórica tradicionais com conhecimento técnico sobre ferramentas digitais, entendimento de aspectos legais e éticos relacionados ao acesso e uso de materiais digitais, bem como uma reflexão crítica sobre como a tecnologia influencia tanto a seleção quanto a interpretação das fontes históricas. Como forma de ilustrar tais itinerários, serão apresentados excertos de publicações no escopo da História Digital da Psicologia.

### **Definição do objeto de pesquisa**

Assim como em qualquer procedimento de pesquisa historiográfica, o primeiro passo é definir claramente os objetivos da pesquisa e as perguntas específicas que ela visa responder. Isso pode incluir explorar o desenvolvimento de teorias em Psicologia, o impacto de experimentos significativos ou a evolução de práticas terapêuticas, as representações públicas da Psicologia e o trabalho do

psicólogo, dentre outros. Isto é, como na pesquisa historiográfica tradicional, nos questionamos sobre atividades de psicólogos e conteúdos psicológicos no passado ou ainda, sobre teorias e técnicas psicológicas de outrora. Tais perguntas de pesquisa ajudarão a guiar a seleção de fontes relevantes. Assim, a princípio, o *modus operandi* do historiador da Psicologia se manteria inalterado, haja vista a delimitação do objeto de pesquisa se concentra como primeiro passo da investigação (Klappenbach, 2014).

A título de exemplo, a pesquisa sociobibliométrica<sup>2</sup> realizada por Polanco et al. (2022) circunscreveu seu problema de pesquisa em torno da participação de mulheres como autoras e/ou como sujeitas de pesquisa em Porto Rico. Como fonte de pesquisa, foi utilizada a Revista Porto-riquenha de Psicologia e, em seu website, foram tomados os artigos como fonte primária. Considerando o objeto da pesquisa, i.e., a atividade feminina seja como autoria ou como participante das pesquisas publicadas no periódico indicado, os autores puderam acompanhar, ao longo do tempo, a participação das mulheres da Psicologia daquele contexto. Outra ilustração é a pesquisa de Xavier et al. (2019) a qual buscou analisar a produção de conhecimentos Psi – Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria - a partir de publicações anteriores à regulamentação da Psicologia no Brasil em 1962. Neste segundo exemplo, os autores consideraram como veículo de informações o periódico Arquivos de Neuropsiquiatria, responsável por publicações psiquiátricas brasileiras na primeira metade do século XX. O objeto, ali, era como os conhecimentos Psi circulavam na comunidade médica, coletivo eminentemente relacionado ao desenvolvimento da Psicologia brasileira, à época (Xavier et al., 2019).

A partir desses dois exemplos iniciais, podemos perceber como os objetivos de uma pesquisa em História Digital da Psicologia permanecem conectados com a prática tradicional da História da Psicologia. Isto é, é possível, por meio da historiografia da Psicologia já bem estabelecida, uma análise das redes sociais que se formam na publicação de vários números de um determinado periódico bem como a análise mais internalista do conteúdo dessas publicações e suas contribuições para a Psicologia. De antemão, as principais diferenças recaem sobre (a) o volume de fontes primárias com os quais o pesquisador consegue lidar e (b) a possibilidade de acesso remoto aos registros históricos. Dessa forma, os objetos definidos como foco das pesquisas podem ser acessados a

---

<sup>2</sup> Segundo Klappenbach (2021), a sociobibliometria é uma abordagem quantitativa que destaca o aspecto social das produções científicas, tratando a ciência como uma instituição social complexa. Ao utilizar indicadores como a análise de citações e o fator de impacto, essa abordagem estuda a produção científica e valoriza o caráter público do conhecimento, sendo possível integrá-la a métodos qualitativos para complementar a análise entre quantidade e qualidade no estudo da ciência.

longa distância – física e temporal – e mais facilmente, a partir de uma pluralidade de monumentos<sup>3</sup> do passado.

Aqui, nos parece oportuno, um esclarecimento: não se confunde objeto de pesquisa com seus objetivos e fontes a partir dos exemplos aludidos. Nos casos mencionados, a literatura consultada sinaliza como objeto de suas investigações, respectivamente: a participação feminina no desenvolvimento da Psicologia Porto-riquenha e a produção//circulação de Saberes Psi em um coletivo neuropsiquiátrico brasileiro. A partir de tais objetos, os historiadores em questão objetivaram descrever e analisar historicamente, a partir do acesso a recursos da História Digital, aspectos daqueles objetos. Para tanto, selecionaram fontes primárias que estavam digitalizadas, ou seja, seu acesso ocorreu digitalmente. Mais do que isso, tais fontes foram manipuladas a partir de determinadas tecnologias digitais que permitiriam, sobretudo no trabalho de Polanco et al. (2022), o manejo de uma maior massa documental. Inclusive, como veremos oportunamente, esta seria uma das vantagens do trabalho com recursos da História Digital: o manuseio de maior massa documental e, portanto, a possibilidade de vislumbrar certos movimentos do passado a partir de maior contingente de fontes.

Portanto, a escolha do objeto em História Digital da Psicologia continua levantando as mesmas perguntas que uma pesquisa em História da Psicologia:

O que vou investigar? Em que período? Em que locais? Qual a relevância que pretendo dar às condições sociais, culturais etc. que envolvem o que pretendo investigar? Irei me guiar pelas diferentes formas sob as quais aquele conceito/técnica/prática aparece na história? Ou sobre os personagens que trabalharam/se utilizaram deste objeto? Que relações tem este objeto com outras investigações já feitas? Quem já investigou este tipo de temática? Como outros autores a compreenderam? (Jacó-Vilela et al., 2022, p.21).

No caso da pesquisa em História Digital da Psicologia, tais questões são importantes principalmente, como dito anteriormente, no que tange ao poder de análise de grandes quantidades de fontes e sua disponibilidade em regiões ou contextos com pouco acesso a fontes analógicas. Não fossem as iniciativas de criação de repositórios, hemerotecas e arquivos digitais, alguns objetos de pesquisa não estariam disponíveis e, portanto, a pesquisa historiográfica da Psicologia seria bem menos democrática e limitada em termos de temáticas possíveis. Ou seja, precisamos reconhecer que uma parcela da execução deste tipo de investigação só se faz possível – ou se torna grandemente facilitada – a partir da constituição de acervos digitais ou digitalizados (Darton, 2010).

---

<sup>3</sup> Recorremos a Le Goff (1992/2002) ao nos referirmos a monumentos, i.e., registros do passado delegados para o tempo presente e que podem nos auxiliar a compreender regimes de historicidade de outrora.

Todavia, não compete aos objetivos da presente reflexão, discutir especificamente tais elementos que, pesquisas futuras, devem burilar.

### **Seleção e organização das fontes**

Uma vez que as perguntas de pesquisa estão definidas, partimos para a exploração de repositórios, bibliotecas e arquivos virtuais para identificar fontes potenciais. Salientamos que essa etapa se relaciona dinamicamente com a etapa anterior de circunscrição do objeto da pesquisa, uma vez que é possível que certos objetos de pesquisa não estejam disponíveis ou sejam de difícil acesso para o pesquisador. Isto é, é possível que o objeto da investigação precise ser alterado caso as fontes encontradas não permitam analisar o assunto desejado. Também é possível que o contato com certas bases de dados ou acervos pode despertar o interesse por um objeto específico, diferente do que havia sido aventado no início. Encontrada a verossimilhança entre objeto e existência da fonte, é necessário refletir mais profundamente sobre a definição de fonte para a pesquisa historiográfica e se existem mudanças em relação ao escopo da historiografia digital da Psicologia.

Ao considerarmos que a História se ocupa das sociedades humanas, ao longo do tempo, podemos recorrer a Bloch (1962) para pensarmos o que são as fontes. Para o autor, "tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que faz, tudo o que toca pode e deve nos ensinar sobre ele" (p.66, tradução livre). Assim, fonte é "qualquer testemunha perceptível sensorialmente que nos dá notícia acerca da vida humana do passado" (Massimi, 2010, p.106). Se pensarmos no cotidiano científico que circunda a atividade intelectual de pesquisadores e coletivos de pesquisadores, as fontes também podem constituir-se por "trabalhos publicados, trabalhos não publicados, (...) correspondências pessoais, anotações, comunicações pessoais, autobiografias, entrevistas, fotografias, memorandos, atas de reuniões, gravações em vídeo ou áudio" (Cruz, 2006, p. 169). Ou seja, tudo aquilo que as diferentes comunidades científicas fazem e tocam, poderiam nos ensinar sobre sua história. Exemplos possíveis são as representações públicas da Psicanálise em rádios e jornais brasileiros ao longo do tempo (ver em Marcondes, 2015) e as publicações de analistas do comportamento em periódicos brasileiros (ver em Torres, 2018).

Isto posto, questionamo-nos: como a experiência humana digital impacta nas fontes de pesquisa? Comumente, subdividimos as fontes de acordo com dois conceitos distintos em que as diferenciamos em relação à sua origem e à natureza de suas informações. O primeiro conceito é o de fontes digitalizadas as quais se referem aos materiais que foram originalmente criados em formatos analógicos (como papel, filme fotográfico ou cassete) e posteriormente convertidos para o formato digital mediante processos como escaneamento,

digitalização de filmes ou gravação digital de sons analógicos. Complementarmente a Massimi (2010) e Cruz (2006), definimos que a fonte digitalizada é todo tipo de registro da atividade humana no passado que não foi produzida em meios digitais, mas foi convertida a esse tipo de suporte, implicando a mediação de um dispositivo (computador, tablet, celular, etc.) para seu acesso.

As fontes digitais são aquelas já nascidas em formato digital. Isso inclui textos, imagens, vídeos, registros de áudio e outros tipos de dados que foram concebidos e produzidos para uso em computadores e outros dispositivos digitais. Exemplos comuns de fontes digitais incluem websites, blogs, publicações em redes sociais, bases de dados online e softwares. As fontes digitais, também conhecidas como nato-digitais, são nativas do ambiente digital, ou seja, seu formato original já é digital, o que muitas vezes significa que elas incorporam características interativas que não estão presentes em materiais analógicos. Nesse sentido, definimos fonte digital como todo registro da atividade humana no passado produzida, armazenada e compartilhada por meios digitais, o que mantém a obrigatoriedade da mediação do acesso por meio de computadores e afins. Como observado por Almeida (2022), a classificação dos documentos nato-digitais e digitalizados geralmente segue a sistematização metodológica adotada por cada pesquisador, o que resulta na ausência de um consenso sobre a definição desses documentos. Diante disso, nossa conceituação baseia-se tanto nas contribuições de Almeida (2011) quanto em nossas próprias práticas de pesquisa com fontes digitais e digitalizadas na História da Psicologia.

A principal diferença, portanto, reside na origem: as fontes nato-digitais são nativas do ambiente digital, enquanto as fontes digitalizadas são transformações de materiais analógicos para o digital. Esta distinção é importante porque influencia como determinados recursos tecnológicos podem ser utilizados para o manejo e análise das fontes de pesquisas. As fontes digitalizadas permitem o acesso remoto a materiais que de outra forma poderiam ser inacessíveis devido à sua raridade, condição física ou localização, mas elas também podem sofrer limitações de qualidade derivadas do processo de digitalização tais como baixa legibilidade das informações. As fontes nato-digitais, por outro lado, podem oferecer uma riqueza de dados em tempo real e funcionalidades interativas, mas também apresentam desafios relacionados à preservação digital e à autenticidade. Dado sua característica eminentemente digital, tal tipo de fonte permite maior facilidade para seu manejo em softwares específicos para categorização e análise.

O trabalho com fontes digitalizadas impõe um desafio: os processos de escaneamento mais acessíveis costumam transformar o documento em um arquivo de imagem, o que permite sua leitura sem nenhum entrave ou imprecisão, mas não possibilita copiar e colar (CTRL +C e CTRL+V) trechos ou

realizar busca textual (CTRL+L ou CTRL+F) dentro do arquivo. Para que essas e mais funções possam ser utilizadas, é necessário utilizar softwares que possuam o Optical Character Recognition (Reconhecimento Óptico de Caracteres - OCR) os quais conseguem reconhecer os elementos presentes nas imagens e transformá-las em arquivo de texto pesquisável ao mesmo tempo que escaneiam o texto.

Atualmente é possível encontrar sites na internet que realizam esta conversão gratuitamente, mas que não costumam ter boa precisão na identificação de elementos textuais, além de possuírem limite para o tamanho do documento a ser convertido. Existem boas aplicações pagas no mercado, como o Adobe Pro DC e o Abbyy Fine Reader os quais costumam ser muito precisos e ágeis mesmo com grandes volumes de documentos. A precisão é um elemento importante, tendo em vista a natureza das fontes, pois podem ser datilografadas, escritas à mão, possuir marcas do tempo como amarelados, rasuras, ferrugem de cliques e etc. Estes são pontos a serem transpostos por bons softwares para garantir a legibilidade das informações. Mesmo para quem opta por não utilizar softwares que analisam o conteúdo do texto – como foi o caso da pesquisa de Mota et al. (2019) – a conversão em OCR é interessante para a rápida localização de palavras ou expressões, contagem de frequência de palavras e extração de informações importantes.

Para citar um exemplo, temos a plataforma Transkribus que utiliza inteligência artificial para transcrição e reconhecimento de texto em documentos históricos, manuscritos ou impressos. Desenvolvido pela Universidade de Innsbruck, esteve inserido no contexto dos dois projetos da União Europeia, o "tranScriptorium" (2013–2015) e "READ" (Reconhecimento e Enriquecimento de Documentos de Arquivo – 2016–2019). Ele permite a transcrição manual ou automática e oferece a possibilidade de treinar modelos personalizados de IA para melhorar a precisão. O software é amplamente utilizado em pesquisas acadêmicas e arquivísticas como ferramentas colaborativas, de marcação de metadados e de busca avançada em grandes coleções de documentos. No mercado existem programas comparáveis e que oferecem funções semelhantes, como o eScriptorium e OCR4All.

Já em relação ao trabalho com fontes digitais, temos a iniciativa de historiadores da psicologia nomeada Psyborgs que reúne pesquisadores da América do Norte e Europa para a pesquisa no escopo da História Digital da Psicologia. Um dos estudos feitos reúne tuítes postados na rede social X – antigo Twitter – que contenham as palavras "psychology" e "history of psychology". Este é um caso que ilustra o trabalho com fontes nato-digitais, uma vez que os conteúdos a serem analisados são nativos do ambiente digital, não existindo duplicata analógica. Ademais, são informações com características do mundo digital na medida em que existe interatividade entre os conteúdos bem como

certas informações só existem dentro de certas abas, páginas, “fios” ou “trends”. Outra pesquisa deste grupo trabalha com a ferramenta do Google Ngram Viewer, a qual possibilita pesquisar frequência de palavras ou expressões em todo o banco de dados do Google Books. Uma grande contribuição teórica a respeito é o trabalho de Pettit (2016) sobre questões teórico-metodológicas para o uso dos *big data* para a pesquisa historiográfica em psicologia, já que uma das características das fontes digitais é a abundância de informações.

Petit (2016) argumentou que Google Ngram Viewer oferece possibilidades interessantes para a História Digital da Psicologia, tornando as questões sobre variação ao longo do tempo histórico mais quantitativas. No entanto, o autor apontou algumas limitações quanto ao seu uso, considerando que há diferença entre visualizar o passado em termos de tendências (como é o caso do Ngram) versus a visualização de acontecimentos históricos. Outro ponto a se considerar reside na pressuposição de uma epistemologia historiográfica continuísta, em que se atribui estabilidade dos significados de palavras ou conceitos psicológicos ao longo do tempo. Isto posto, é necessário pontuar que pesquisas no escopo da História Digital da Psicologia que se utilizem exclusivamente de fontes digitais ainda são relativamente escassas. Isto aponta a necessidade de pesquisas que explorem os ambientes digitais e os vestígios da atividade humana no passado digital as quais podem converter-se em fonte digital na compreensão do passado da Psicologia.

Por fim, existem algumas iniciativas que hibridizam o uso de fontes digitalizadas e nato-digitais, principalmente porque possuem o objetivo de armazenar ou publicizar materiais importantes para a História da Psicologia. Pesquisadores têm utilizado softwares como o EndNote para o armazenamento e gestão de livros e artigos científicos de determinados assuntos ou personagens chave para a Psicologia. Também há o caso em que acervos físicos estão sendo convertidos para o ambiente digital, como é o caso do Acervo Emílio Mira y Lopez do Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché. Na América do Norte, temos o museu online Behavioral Apparatus Virtual Museum o qual disponibiliza salas virtuais que exibem fotografias, links, informações e instrumentos utilizados ao longo da história da Psiquiatria e Psicologia. Similarmente, também há o Psychology’s Feminist Voices, um acervo multimídia que armazena e publiciza a história da Psicologia Feminista. Nestes casos, a divisão entre fonte digitalizada e digital é bastante tênue, uma vez que algumas fontes foram digitalizadas, mas hospedadas em ambientes digitais com características de interatividade digitais.

Uma última reflexão acerca das fontes digitalizadas e nato-digitais é sobre a qualidade e confiabilidade de seus conteúdos. Da mesma maneira que refletimos sobre os processos de passagem do tempo, os jogos de força sociais e institucionais que perpassam a produção e a preservação de fontes analógicas

para a posteridade, é igualmente necessário fazer esta reflexão para as fontes digitalizadas e nato-digitais. Afinal, processos de escaneamento ou conversão são semelhantes ao de uma edição em que é possível manter algumas informações e não outras. A própria qualidade da conversão afeta a recepção e interpretação das informações de forma adequada. A interatividade e organização dos dados em ambiente digital também podem enviesar ou ocultar conteúdos, uma vez que os algoritmos utilizados nas mídias sociais são arquitetados para enfatizar comentários, vídeos, tuítes ou trends que receberam maior número de engajamento.

## **Possibilidades Analíticas**

### **Análise Documental e Análise de Conteúdos e Discurso**

Realizar análise documental de fontes primárias é estratégia bem estabelecida na pesquisa historiográfica (Cruz, 2006; Le Goff, 2002; Massimi, 2010). Como processo teórico-metodológico, ela pressupõe uma postura de acercamento do documento sem supor que seu conteúdo narra verdades absolutas sobre o passado (Massimi, 2010). Evidencia-se, assim, o caráter interpretativo da pesquisa historiográfica – ela depende da análise que o pesquisador faz sobre o que está e não está escrito, dos jogos de força que produziram e preservaram tais documentos para a posteridade (ver Le Goff, 2002). Também salienta o caráter autoral da escrita de uma história, uma vez que cada pesquisador narra determinados elementos enquanto não narra outros. Isso se deve não apenas ao fato de o historiador estar sensível aos elementos de seu tempo – portanto, do tempo presente – quando ao fato de que os próprios registros do passado foram preservados por interesses dos sujeitos do tempo passado. Portanto, importante destacar que, tanto na História da Psicologia tradicional quanto na modalidade digital, as condições de acontecimentalização<sup>4</sup> dos fatos depende de elementos de duas temporalidades, a do evento e a do historiador.

Nesta análise deve aparecer o paradigma utilizado pelo pesquisador para interpretar as fontes utilizadas, algo intrínseco a qualquer trabalho historiográfico, no escopo digital ou não. Na direção da interpretação das fontes e escrita de uma narrativa histórica, aderimos à noção de três níveis metodológicos propostos por Rosa et al. (1996) para a pesquisa em História da Psicologia. Para este grupo de pesquisadores, esses níveis são interconectados

---

<sup>4</sup> Consideramos que nem todo evento do passado é um “fato histórico” *per se*. Ele precisa ser acontecimentalizado, ou seja, tornar-se notável por uma certa sociedade localizada tanto temporal como geograficamente. Será na operação historiográfica, no trabalho do historiador que o evento se torna acontecimento, a partir, portanto da inteligibilidade fornecida pela interpretação histórica (ver Mendes & Ribeiro, 2019).

entre si e constituem-se por: (a) análise de textos ou de discursos – analisar a estrutura interna de textos ou comunicações, categorizando-as e esquematizando-as; (b) análise biográfica do autor – analisar a trajetória, a produção e atuação de autores da Psicologia e suas respectivas contribuições; e (c) análise socioinstitucional – como certos discursos, práticas e teorias psicológicas se institucionalizaram ou foram impactados por instituições. É interessante que esses três níveis se expressem em conjunto na análise e interpretação das fontes, ao mesmo tempo também que um destes pode ser mais enfatizado a depender do objeto da pesquisa, das fontes e do próprio paradigma historiográfico dos pesquisadores.

Quanto ao nível de análise de textos, temos diversas possibilidades de estratégias e ferramentas utilizáveis a depender do objeto de pesquisa as quais apresentaremos em ordem cronológica (das primeiras estratégias e aplicações até as mais recentes). Os primeiros softwares tratam de programas criados por pesquisadores de análises de dados qualitativos (em inglês, Qualitative Data Analysis – QDA) e de Análise de Conteúdo e Análise do Discurso, sendo eles o ATLAS.ti, NVivo, Iramuteq e MaxQDA, permitindo aos pesquisadores codificarem, anotarem e categorizarem conteúdo textual de forma sistemática para facilitar a análise temática e de discurso (Gizzi & Rädiker, 2021; Hwang, 2008; Lewis, 2004; Ratinaud, 2009). É certo que o uso da Análise de Conteúdo ou da Análise do Discurso para realização de Análise Documental de fontes textuais é bastante comum na historiografia da Psicologia, sendo feita de forma manual ou analógica (Jacó-Vilela et al., 2022; Rosa et al., 1996). A diferença em relação ao uso de softwares é que, no último caso, os pesquisadores realizam processos de forma automática (ou mais automatizada do que quando realizam a análise de forma analógica), o que possibilita analisar um maior número de informações em menos tempo.

Ao mesmo passo que a automatização proporcionada pelos softwares é uma vantagem, também apresenta algumas limitações. A primeira delas é que o pesquisador pode não possuir o domínio total na classificação ou codificação dos textos de forma idiossincrática, seja essa organização relacionada às características da fonte ou pela própria adoção de critérios epistemológicos do autor. A segunda é que o autor pode perder o contato com uma leitura mais extensa dos materiais, o que pode enviesar as suas conclusões. Para solucionar a primeira limitação, o uso do MaxQDA pode ser mais útil pois as configurações de categorização, codificação e classificação de texto desta aplicação passam obrigatoriamente pelas mãos do usuário, o que torna mais fácil personalizar escolhas de acordo com características da fonte ou da abordagem epistemológica do pesquisador. Em relação à segunda limitação, o Iramuteq pode ser uma boa escolha já que uma de suas muitas configurações é mostrar para o pesquisador todos os trechos em que cada palavra ou expressão aparece. Assim, é possível

ter um maior contato com o conteúdo bruto do corpus documental, favorecendo também a solução de dúvidas em relação à frequência desses termos e das conexões ideativas que um documento pode apresentar. Tais estratégias não substituem o procedimento usual de análise do documento por meio da leitura realizada pelo pesquisador. Entretanto, elas podem ser combinadas com tal procedimento e, sobretudo, como dito anteriormente, possibilitam o manejo de maior volume documental.

Tais limitações nos convidam a algumas reflexões metodológicas no fazer historiográfico no campo da História da Psicologia. Klappenbach (2014), em um artigo sobre a delimitação metodológica da pesquisa em História da Psicologia nos elucida, a partir de diferentes aportes teóricos (e.g., Eric Hobsbawn, Karl Popper, dentre outros), como alguns elementos são indispensáveis para robustez teórico-conceitual de uma pesquisa historiográfica. A partir do referido texto, nos parecem oportunos dois apontamentos: (1) ao indicarmos que os softwares mencionados possuem limitações, nos colocamos na compreensão de que todo recurso metodológico – e conseqüentemente, qualquer pesquisa – possui limitações. Indicar as limitações do recurso significa desvelar, *a priori*, que as tecnologias digitais não são panaceias para a pesquisa historiográfica. Outrossim, elas surgem como opção de autonomia do pesquisador a partir de seu campo teórico e, portanto, ele deve estar atento a tais características da tecnologia; (2) ao aludirmos à possibilidade de perda de contato com as fontes, estamos delimitando a contingência do trabalho com grandes massas documentais a partir de recursos tecnológico inerentes à História Digital da Psicologia. Novamente, levantamos mais uma limitação dos recursos para refletir, conjuntamente com os leitores interessados em História da Psicologia, que os recursos digitais têm limitações. Portanto, uma vez mais, indicamos a importância da autonomia do pesquisador que, suficientemente informado, poderá fazer as escolhas de recursos que melhor lhe convier a partir da articulação do campo teórico, seus objetos e objetivos (Ramos, 2018).

Assim, pode-se utilizar uma espécie de triangulação entre métodos analógicos para alguns níveis e digital para outro. Transpondo a proposição de Rosa et al. (1996) para as pesquisas em História Digital da Psicologia, separamos estratégias de análise e softwares comumente utilizados para cada um dos três níveis de análise. Enfatizamos que é proveitoso que todos os níveis de análise estejam presentes na interpretação das fontes, ainda que não necessariamente se empregue estratégias digitais para todos eles. Por exemplo, na pesquisa de Alves (2021) sobre o professor de Psicologia Social Celso Pereira de Sá (1941-2016) foi utilizado o software Iramuteq para analisar a estrutura interna de suas publicações, ao passo que para as análises do nível biográfico e institucional foi utilizada a análise documental tradicional de anotações pessoais e documentos da atuação institucional do autor. Nesta pesquisa também é possível observar

que, muito embora os três níveis de análise propostos por Rosa et al. (1996) estejam presentes, a análise do conteúdo das publicações de Sá sobressaiu-se.

Enfatizamos aqueles dois softwares não só pelas soluções dos vieses, mas também por se caracterizarem como excelentes ferramentas de análise de textos ou discursos. Mais especificamente, o MaxQDA oferece: (a) análise de conteúdo: identificação e análise de temas, padrões e significados nos dados; (b) análise de discurso: identificação de padrões de expressão nos textos analisados e a constituição de processos discursivos; (c) análise comparativa: comparação de dados codificados entre diferentes casos, grupos ou categorias; (d) análise de rede: visualização das relações e conexões entre diferentes elementos dos dados; (e) análise de frequência: contagem e análise da frequência de ocorrência de certos temas, palavras ou códigos; e (f) análise de trajetória: estudo da evolução e mudanças ao longo do tempo nos dados (Gizzi & Rädiker, 2021).

Já o Iramuteq dispõe de: (a) análises lexicais clássicas – reconhecimento de vocabulários, lematização (redução das palavras à sua forma original – o lema) e contagem de frequência de palavras; (b) análise de especificidades; (c) classificação hierárquica descendente - separa segmentos de texto em classes de vocabulários semelhantes entre si e elege um vocábulo característico daquela classe, representando-o graficamente em tamanho diferente que os demais. Há também um gráfico em plano cartesiano a partir da frequência de ocorrência de cada termo e do grau de conexão entre os termos dentro da massa documental; (d) análise de similitude - identificação de co-ocorrências entre as palavras, indicando a conexão entre elas a partir de um gráfico de rede; e (f) nuvem de palavras - apresenta graficamente as palavras mais frequentes do corpus (Camargo & Justo, 2013; Ratinaud, 2009).

Ainda no nível de análise textual, temos as recentes ferramentas de mineração de texto as quais também são capazes de explorar grandes volumes de material, identificar padrões, temas recorrentes, tendências ao longo do tempo, e até mesmo o sentimento ou tom de discursos. A diferença com relação às aplicações anteriores é que a mineração de texto é uma ferramenta exclusiva para o trabalho com fontes digitais, uma vez que se trata da extração de informações de dados não estruturados (dados ocultos pelas características de interatividade do ambiente digital) (Crompton et. al 2020). Estes dados são minerados e o conteúdo textual extraído pode ser analisado para: (a) análise de sentimentos - entender as atitudes e emoções expressas em fontes escritas sobre determinados eventos ou períodos; (b) extrair padrões, temas, e tendências de grandes volumes de dados. Isso pode revelar, por exemplo, o desenvolvimento de teorias, a prevalência de certas abordagens terapêuticas, ou mudanças nas áreas de foco dentro da psicologia ao longo do tempo.

## **Análise socioinstitucional e análise biográfica**

Em análises de nível socioinstitucional uma estratégia eficiente a ser adotada é a Análise de Redes, pelas quais os pesquisadores podem usar softwares para mapear e analisar as relações entre pessoas, lugares e eventos mencionados nas fontes (Cudina et. al, 2017; Polanco et. al, 2017). Isso pode revelar padrões de interação, influência e movimento que não são facilmente visíveis por meio de métodos tradicionais. Também pode ilustrar o desenvolvimento de conceitos psicológicos, a influência de teóricos e as relações entre diferentes escolas de pensamento. A análise de redes é especialmente útil para estudar as relações e influências entre psicólogos, instituições e publicações, permitindo aos pesquisadores mapearem comunidades científicas, colaborações e tendências de coautoria, oferecendo insights sobre a estrutura socio-acadêmica da Psicologia. Para exemplificar essa questão, pode-se mencionar o estudo de Facchinetti et al. (2017), que analisa o perfil dos membros da Rede Iberoamericana de Pesquisadores em História da Psicologia (RIPeHP) com base em questionários e informações obtidas de fontes como a Plataforma Lattes e o Portal de Informação de Ciência e Tecnologia Argentino. A pesquisa evidencia a distribuição geográfica dos pesquisadores, a formação acadêmica e as suas contribuições para a área da psicologia, apontando uma concentração significativa de membros em instituições localizadas em Buenos Aires, Rio de Janeiro, Bogotá e Belo Horizonte.

A estratégia da Análise de Redes corresponde ao campo das pesquisas bibliométricas ou sociobibliométricas nas quais analisam-se a produção de pesquisadores ou coletivos de pesquisadores (associações, periódicos, etc.) e suas características. Para este tipo de análise, os softwares Biblioshiny e Gephi são escolhas eficazes. O Biblioshiny foi desenvolvido para facilitar a realização de análises bibliométricas sem a necessidade de conhecimento em programação, sendo algumas de suas principais funcionalidades: (a) importação de dados bibliográficos de várias fontes, incluindo Web of Science, Scopus, PubMed, e arquivos em formato BibTeX, EndNote e CSV; (b) geração de relatórios detalhados sobre a produção científica, como a quantidade de publicações por ano, autores mais produtivos, instituições e países mais produtivos; (c) identificação do impacto das publicações, identificando os artigos mais citados, h-index dos autores, e outras métricas de impacto; (d) criação de mapas de coautoria que mostram as redes de colaboração entre autores, instituições ou países. Constrói e permite visualizar redes de citações, co-citações, e acoplamento bibliográfico para entender a estrutura de uma área de pesquisa; (f) geração de mapas de palavras-chave para identificar tendências e temas emergentes em um campo de pesquisa. Permite a realização de análises temáticas para identificar clusters temáticos em um conjunto de dados

bibliográficos; e (h) extração e identificação de palavras-chave de títulos e resumos de publicações para identificar tópicos principais e subtemas.

Essas funcionalidades fazem do Biblioshiny uma ferramenta poderosa e acessível para pesquisadores que desejam realizar análises bibliométricas detalhadas e obter informações sobre a literatura científica da Psicologia e de outras ciências. Por exemplo, na pesquisa de Vilena e Miranda (2022) na qual a intersecção entre Psicologia e Enfermagem foi analisada a partir do exame de publicações do periódico *Annaes de Enfermagem*, o software Biblioshiny foi utilizado para caracterizar quem eram as pessoas que publicavam nos *Annaes* e quais suas temáticas de interesse. Com o uso do Biblioshiny, os autores demonstraram quais autoras eram mais prevalentes no número de publicações e os tópicos mais centrais dentro dos artigos publicados. Isso permitiu uma interpretação mais aprofundada das conexões institucionais das autoras, bem como a relação dos temas centrais de interesse dessas instituições.

Outra ferramenta é o software de análise de redes Gephi o qual permite a visualização e manipulação de dados em forma de grafos. Ele oferece recursos para identificar relações e centralidades em redes complexas, auxiliando na exploração de conexões. Para a História da Psicologia, o Gephi é útil para analisar redes de colaboração entre pesquisadores, instituições acadêmicas e conceitos psicológicos, revelando padrões de interação e influência no campo. Algumas das principais ferramentas disponíveis no Gephi são: (a) visualização interativa dos grafos, permitindo o zoom, a seleção de nós e arestas. Interface para manipulação de dados tabulares, permitindo editar atributos de nós e arestas, adicionar ou remover elementos e realizar operações de transformação de dados; (b) cálculo de métricas importantes como centralidade de grau, centralidade de proximidade, centralidade de intermediação, modularidade, coeficiente de clustering, e métricas de rede dinâmica; (c) edição e customização de rótulos de nós e arestas, bem como anotações na visualização; (d) análise de redes que evoluem ao longo do tempo, permitindo a visualização e animação de mudanças temporais nos grafos.

Exemplos de análises utilizando desse software são as pesquisas de Polanco et al. (2020, 2022). No primeiro caso, os autores analisaram as duas maiores revistas de Psicologia em circulação na América Latina entre os anos de 1968 e 2008 para avaliar a presença de discussões afiliadas à escola psicológica do Comportamentalismo. Com as funcionalidades do Gephi, o grupo de pesquisadores foi capaz de identificar os autores com maior número de publicações, os temas discutidos, quais tipos de comportamentalismos eram debatidos e localizá-las no mapa das Américas do Norte, Central e do Sul. Similarmente, em Polanco et al. (2022), os pesquisadores conseguiram analisar a questão do gênero por posição na Revista *Portorriquenha de Psicologia* – se mulheres participam mais como objeto das pesquisas (participantes) ou como

pesquisadoras, como foi citado acima. Os autores também analisaram a rede de colaboração dos autores e as temáticas discutidas no referido periódico.

Já em relação ao nível de análise biográfica, é possível utilizar as mesmas estratégias mencionadas no nível de análise de texto e análise socioinstitucional desde que direcionadas à compreensão da trajetória, da produção e atuação de autores da Psicologia e suas respectivas contribuições. Esses elementos podem ser examinados por análises textuais de documentos de determinado autor da Psicologia utilizando o MaxQDA ou o Iramuteq, como foi o caso da já referida pesquisa de Alves (2021). Nela, a pesquisadora utilizou o Iramuteq para analisar as proposições teóricas contidas em publicações do psicólogo Celso Pereira de Sá, utilizando também elementos biográficos da trajetória intelectual deste autor para compreender suas contribuições para a Análise do Comportamento e Psicologia Social. Igualmente, é possível utilizar-se de análises de redes para examinar influências de instituições, colegas e outros temas na trajetória biográfica ou intelectual de um autor da Psicologia. Ou seja, também é profícuo utilizar o Biblioshiny ou Gephi em casos que se queiram compreender uma visão do todo da atuação de psicólogos no passado, desde que as redes de relações (de conceitos, com outros pesquisadores ou instituições) sejam consubstanciadas pela interpretação de outros elementos necessários ao estilo biográfico, isto é, a descrição da vida e da trajetória intelectual de um autor, incluindo seus principais fatos, desafios e contribuições para a Psicologia.

### **Considerações finais**

Este artigo teve como objetivo central sistematizar e debater itinerários metodológicos da pesquisa realizada na História Digital da Psicologia. Este escopo se relacionou com o recente atravessamento de diversos tipos de mídias e recursos digitais na atividade de pesquisa historiográfica da Psicologia, seja pela mudança nas características das fontes ou pelo aparecimento de novos procedimentos metodológicos. Isso não implica, no entanto, na adoção de um “espantalho” com a substituição de uma historiografia da Psicologia antiga e ultrapassada por uma outra nova e mais avançada. Na verdade, ele se encaminha para enfatizar a multidimensionalidade da combinação de gestos e operações historiográficas tradicionais com novas formas digitais que passaram a fazer parte do nosso cotidiano de pesquisa.

Na esteira dessa multidimensionalidade, uma observação relevante sobre as pesquisas em História Digital da Psicologia é que elas suportam intersecções com outras abordagens historiográficas, tais como a História Social da Psicologia e História Filosófica da Psicologia. É inteiramente possível utilizar tanto paradigmas mais externalistas quanto internalistas para realizar uma pesquisa em História Digital da Psicologia. Ao longo do texto, percorremos parâmetro específicos da

pesquisa historiográfica com recursos digitais de forma tanto a apresentar tal campo quanto indicar suas possibilidades e limitações. Primeiramente, indicamos que permanece inalterada a relação entre pergunta, objeto e objetivos de pesquisa, passo primordial de qualquer investigação historiográfica. Em segundo lugar, indicamos as possibilidades de fontes nato-digitais e digitalizadas, bem como formas de manejá-las. Aqui reside um ponto importante da argumentação anteriormente tecida: a possibilidade de perguntas para grandes massas documentais que, com a História Digital da Psicologia – e suas interfaces com a Cientometria e a Sociobibliometria – abrem novas possibilidades de interrogação. Em seguida, apresentamos recursos tecnológicos específicos aderentes à História Digital da Psicologia e como eles podem ser combinados com análises usuais da História da Psicologia, tais como a Análise do Discurso e a Análise de Conteúdo. Nesta seara, mais um aspecto importante de nossa tessitura argumentativa: a História Digital da Psicologia e seus recursos não são panaceias para a resposta a todas as perguntas historiográficas postas ao passado da Psicologia. Elas são recursos que, dependentes da autonomia do pesquisador e de suas influências teórico-conceituais, podem se apresentar como ferramentas promissoras.

Se o aproveitamento das novas tecnologias para um campo de estudos voltado para o passado nos parece relevante, tendo em vista as múltiplas possibilidades apresentadas neste texto, entendemos que todos estes novos trabalhos devem seguir os mesmos cuidados éticos de uma investigação analógica. Por outro lado, é necessário ainda avaliar com mais vagar os diferentes resultados obtidos por meio das tecnologias digitais e, principalmente, as análises que elas propiciam comparativamente às outras formas do fazer historiográfico. Adicionalmente, nos parece importante que novas investigações teórico-conceituais e metodológicas, tal como a ora apresentada, reflitam sobre os esforços de digitalização e como tais mecanismos operam escolhas sobre as fontes, tais como as agências do tempo passado sobre os monumentos. Nesse sentido, faz-se mister que novas reflexões incidam sobre a organização dos acervos, seus mecanismos de acesso, etc. Este é um desafio para os pesquisadores interessados em História da Psicologia e, particularmente, na história digital da mesma.

### Referências

- Alves, R.G. (2021). *Ensaio sobre uma Psicologia Social Comportamentalista Radical a partir de Celso Pereira de Sá (1970-1990)*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco.
- Almeida, F. C. (2011). O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. *Revista Aedos*, 3(8). <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776>

- Almeida, F. B. (2022). Internet, fontes digitais e pesquisa histórica (pp. 101-120). In José D'Assunção Barros (Org.) *História Digital: Historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Barros, J. A. (2022). *História digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Vozes.
- Bezerra, M. A. A. & Araújo, E. A. (2011). Reflexões epistemológicas no contexto do Orkut: ética da informação, sociabilidade, liberdade e identidade. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 16(2), 3-17. <https://doi.org/10.1590/S1413-99362011000200005>
- Bloch, M. (1962). *The Historian's Craft*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf.
- Burman, J. T. (2018). Digital methods can help you ... If you're careful, critical, and not historiographically naïve. *History of Psychology*, 21(4), 297-301. <https://doi.org/10.1037/hop0000112>
- Camargo, B.V., & Justo, A. M. (2013). Tutorial para uso do *software* de análise textual IRAMUTEQ. <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>
- Crompton, C., Lane, R. J., & Siemens, R. (2020). *Doing more Digital Humanities: Open Approaches to creation, growth, and development*. Routledge.
- Cohen, D., & Rosenzweig, R. (2006). *Digital history: A guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web*. University of Pennsylvania Press. <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/>
- Cruz, R. (2006). História e historiografia da ciência: Considerações para a pesquisa histórica em Análise do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8 (2), 161-178.
- Cudina, J. N., Millán, J. D., & Ossa, J. C. (2017). Redes de comunicación científica en la investigación psicológica de las Américas a través de la Revista Interamericana de Psicología. *Revista Interamericana de Psicología*, 51(3), 282-296. <https://journal.sipsych.org/index.php/IJP/article/view/SgS>
- Darnton, R. (2010). *A questão dos livros: presente, passado e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Facchinetti, C., da Silva, M. V. P., Castro, A. de C., Monteiro Capela, R., y Chousa Ferreira, A. (2017). A Rede Iberoamericana de Pesquisadores em História da Psicologia: o perfil dos investigadores. *Revista Guillermo de Ockham*, 15(2), 41-50. <https://doi.org/10.21500/22563202.3493>
- Fickers, A. (2013). Veins filled with the Diluted Sap of Rationality: a critical reply to Rens Bod. *Low Countries Historical Review*, 128(4), 155-163.

- Gizzi, M. C., & Rädiker, S. (2021). *The Practice of Qualitative Data Analysis: Research Examples Using MAXQDA*. MAXQDA Press, Berlin.
- Green, C. D. (2016). A digital future for the history of psychology? *History of Psychology, 19*(3), 209–219. <https://doi.org/10.1037/hop0000012>
- Hangen, T. (2015). Historical Digital Literacy, One Classroom at a Time. *Journal of American History, 101*(4), 1192–1203. <https://doi.org/10.1093/jahist/jav062>
- Hwang, S. (2008). Utilizing Qualitative Data Analysis Software: A Review of Atlas.ti. *Social Science Computer Review, 26*(4), 519-527. <https://doi.org/10.1177/0894439307312485>
- Jacó-Vilela, A. M., Degani-Carneiro, F., Vasconcellos, M. A. G. N. T., & Espírito Santo, A. A. (2022). História Da Psicologia: Construindo narrativas por meio de análise de documentos e outras fontes (pp.17-37). In Adriana Benevides Soares (Org.) *Metodologia qualitativa: técnicas e exemplos de pesquisa*. Curitiba: Appris.
- Kearns, J., & Faye, C. (2014). *Grey Literature at the Cummings Center for the History of Psychology, a Case Study*. London: Rowman & Littlefield.
- Klappenbach, H. (2014). Acerca de la Metodología de Investigación en la Historia de la Psicología. *Psykhé* [online]. 2014, vol.23, n.1, pp.01-12. ISSN 0718-2228. <http://dx.doi.org/10.7764/psykhe.23.1.584>
- Klappenbach, H. (2021). Los aportes de la socio-bibliometría a la historia de las disciplinas científicas. *Revista Guillermo de Ockham, 15*(2), 5-7. <https://doi.org/10.21500/22563202.3497> (Original work published December 23, 2017)
- Le Goff, J. (2002). Documento/Monumento. In J. Le Goff, *História e memória*, 3 ed. (pp. 535-549). Campinas: Editora da UNICAMP. Originalmente publicado em 1992.
- Lewis, R. B. (2004). NVivo 2.0 and ATLAS.ti 5.0: A Comparative Review of Two Popular Qualitative Data-Analysis Programs. *Field Methods, 16*(4), 439-464. <https://doi.org/10.1177/1525822X04269174>
- Massimi, M. (2010). Métodos de investigação em História da Psicologia. *Psicologia em Pesquisa, 4*(2), 100-108.
- Marcondes, S. R. A. (2015). *Nós, os charlatães: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho (1936-1944)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz.
- Mendes, L. C. C., & Ribeiro, R. R. (2019). Acontecimento. In M. M. Ferreira, & M. M. D. Oliveira (Org.), *Dicionário de Ensino de História* (pp.13-15). Rio de Janeiro: FGV.

- Mota, A. M. G. F., Veras, A., Varella, A., & M., R. L. (2019). Modelos de saúde mental e doença mental: Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (1949-1968). *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(3), 23-35. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i3p.23-35>
- Noiret, S. (2015). História Pública Digital. *Liinc Em Revista*, 11(1). <https://doi.org/10.18617/liinc.v11i1.797>
- Pettit, M. (2016). Historical time in the age of big data: Cultural psychology, historical change, and the Google Books Ngram Viewer. *History of Psychology*, 19(2), 141-153. <https://doi.org/10.1037/hop0000023>
- Polanco, F. A.; Beria, J. S.; & Klappenbach, H. (2017). Cinco décadas de la Revista Interamericana de Psicología. Un estudio socio-bibliométrico. *Revista Interamericana de Psicología*, 51(3), 297-319
- Polanco, F. A., Beria, J. S., Klappenbach, H., & Ardila, R. (2020). El conductismo atravesando América. Un estudio sociobibliométrico de la Revista Interamericana de Psicología y la Revista Latinoamericana de Psicología en sus primeras cuatro décadas. *Revista de Historia de la Psicología*, 41(3), 33-50. <http://dx.doi.org/10.5093/rhp2020a13>
- Polanco, F. A., Beria, J. S., Pecanha, V. C., Gallegos, M., Miranda, R. L., Santos, G. S., Cudina, J.N., & Ossa, J. C. (2022). Contribuciones intelectuales y sociales de las mujeres en la revista puertorriqueña de psicología: Un estudio de método mixto. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, 33(1), 060 - 077. <https://doi.org/10.55611/reps.3301.05>
- Prado, G. S. (2021). Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. *Tempo e Argumento*, 13(34), e0201. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201>
- Ramos, J. R. G. (2018). Cómo se construye el marco teórico de la investigación. *Cad. Pesqui.*, 8(169), 830-854. <https://doi.org/10.1590/198053145177>
- Ratinaud, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Retirado de <http://www.iramuteq.org>
- Robertson, S. (2016). The differences between digital humanities and digital history. *Debates in the digital humanities*, 289-307.
- Rosa, A., Huertas, J. A., & Blanco, F. (1996). *Metodología para la Historia de la Psicología*. Alianza.
- Seefeldt, D., & Thomas, W. G. III. (2009). What is Digital History? A Look at Some Exemplar Projects. *Faculty Publications, Department of History*. 98. <https://digitalcommons.unl.edu/historyfacpub/98>

Torres, J.A. (2018). *Por uma história institucional da Análise do Comportamento no Brasil: Estudos sociobibliométricos (1976-1986)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.

ThatCamp. Manifesto das humanidades digitais. Paris: ThatCamp [The Humanities and Technology Camp]. 2011. <http://tcp.hypotheses.org/category/manifeste>.

Vilena, K. C. G., & Miranda, R. L. (2022). Estudo histórico-documental na revista *Annaes de Enfermagem (1932-1988)*: Mapeando produções e conhecimentos científicos de enfermagem. *Revista De Enfermagem Da UFSM*, 12, e55. <https://doi.org/10.5902/2179769270726>

Witczak, M. V. C & Czekster, R. M. (2019). Pós-verdade e Novas Tecnologias: Autonomia, Ética e Subjetividade Digital. In P. Guareschi; D. Amon & A. Guerra (Orgs), *Psicologia, Comunicação e Pós-verdade*, 3 ed. (pp. 201-231). ABRAPSO.

Xavier, M. V. S., & Miranda, R. L. (2019). Explorando Conhecimentos e Práticas Psicológicas nos Arquivos de Neuropsiquiatria (1943-1949). *Revista Sul Americana de Psicologia*, 6(2), 261-285.

### **Nota sobre os/as autores/as**

*Roberta Garcia Alves* é docente da Universidade Federal do Acre. Doutora e mestra em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: [roberta.galves@outlook.com](mailto:roberta.galves@outlook.com)

*José Felipe Vitor Machado* é doutorando e mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis. E-mail: [jose.machado.psi@outlook.com](mailto:jose.machado.psi@outlook.com)

*Rodrigo Lopes Miranda* é docente da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul e da Universidade Católica Dom Bosco. Doutor e mestre em Educação e graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [rlmiranda@ucdb.br](mailto:rlmiranda@ucdb.br)

*Ana Maria Jacó-Vilela* é coordenadora do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Mestra em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [jaco.ana@gmail.com](mailto:jaco.ana@gmail.com)

**Data de submissão:** 17.10.2024

**Data de aceite:** 08.08.2025